



MANIFESTA DO DESENVOLVIMENTO LOCAL E DA ECONOMIA SOLIDÁRIA EM PORTUGAL

A INOVAÇÃO SOCIAL NA RESPOSTA À CRISE - CONTRIBUTOS DO DESENVOLVIMENTO LOCAL E DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

Faz este ano 15 anos que se realizou a primeira MANIFesta do DESENVOLVIMENTO LOCAL em Portugal.

Na realidade a dinâmica que a tornou possível iniciou-se um pouco antes, em 1992, quando foi realizado o primeiro estudo de levantamento e caracterização de iniciativas de Desenvolvimento Local em Portugal, com o patrocínio e o apoio do IEFP, ou mais precisamente do seu Presidente da altura, o Dr. Acácio Catarino (protagonista fundamental no processo que viabilizou a primeira MANIFesta).

Teve lugar em Santarém (não muito distante do centro geodésico de Portugal) e foi sobretudo o resultado de um grupo de cidadãos envolvidos em iniciativas que tomavam como referência o Desenvolvimento Local e crenças nas suas potencialidades como contributo para a resolução dos problemas da sociedade portuguesa de então (lembre-se que na sequência dos problemas de emprego e de dificuldades económicas e sociais vividas em Portugal nos anos 80).

De certa maneira, a MANIFesta procurou actualizar a antiga lógica (existente pelo menos no tempo da primeira dinastia) em que os “homens bons” (leia-se agora, “as mulheres e os homens activos”) dos vários concelhos e regiões do país, exprimiam as suas realizações e reivindicações junto do poder central (nas cortes, normalmente), ou seja **manifestavam** o seu poder de cidadania, ainda que de forma controlada e contida (e não assumida explicitamente).

Nesse sentido, a MANIFesta procurou ser ao longo dos anos (de 1994 até agora, realizaram-se seis) um Encontro, uma Mostra (Feira), uma Festa, um Debate e uma Manifestação, exprimindo o que os cidadãos e as suas associações realizam na defesa e valorização das suas comunidades locais e na resposta aos seus problemas. De forma inovadora e ousada, muitas vezes. Também contando as suas dificuldades.

Por isso, a MANIFesta tem tido três funções importantes: na criação e reforço de uma REDE entre esses cidadãos e associações (e, nesse contexto, foi criada a ANIMAR); na VISIBILIZAÇÃO do movimento de Desenvolvimento Local junto da sociedade portuguesa; e na EXPRESSÃO e RECONHECIMENTO do seu papel nas instâncias de governação, passando a ser considerado um parceiro credível na regulação dos problemas económicos, sociais, culturais e ambientais.

Passados 15 anos da primeira MANIFesta, este ano (2009) vai realizar-se a sétima, em Peniche.

Tem duas ambições centrais:

Por um lado, retomar e reavivar o espírito original de **expressão e mobilização da cidadania** nos caminhos do Desenvolvimento Local e da Economia Solidária, ou seja, das respostas aos problemas locais a partir das capacidades e vontades locais e da proposta de uma Economia de cidadãos (civil) eficiente e eficaz, baseada em motivações e critérios que não são meramente os do mercado ou do lucro.

Por outro lado, assumir o seu papel e as suas responsabilidades, na procura e na proposta de respostas para a crise (económica, financeira, social, ambiental, cultural e política, pelo menos) e para as dificuldades que vivem as sociedades actuais, em particular em Portugal, a partir das experiências e iniciativas (muitas delas inovadoras) que o Desenvolvimento Local e a Economia Solidária já podem apresentar como práticas realizadas e conhecimentos sistematizados.

Para isso, a MANIFesta DE PENICHE, terá como tema central **A INOVAÇÃO SOCIAL NA RESPOSTA À CRISE - CONTRIBUTOS DO DESENVOLVIMENTO LOCAL E DA ECONOMIA SOLIDÁRIA** e como grandes eixos de abordagem e manifestação:

- A Inovação para a Igualdade de Oportunidades;
- A Empregabilidade e o Empreendedorismo, como estratégias contra a crise;
- A importância da Ética e dos sistemas alternativos no Financiamento da Economia;
- A Coesão Social e a Animação Territorial em Portugal.

Por outro lado, será fundamental que a MANIFesta DE PENICHE seja um espaço aberto à discussão e procura de respostas e caminhos, a partir, é certo, das experiências e dos actores do Desenvolvimento Local e da Economia Solidária, mas contando com a participação de todos os outros actores da sociedade, como demonstração e princípio do que será provavelmente um dos pilares fundamentais da saída para a crise: uma parceria estratégica tripartida, envolvendo **as empresas** e as suas representações, **o Estado** nos seus diferentes níveis (Estado-Nação, Estado-Local e instâncias de governação ou de negociação supranacionais e internacionais) e a **sociedade civil** nas suas diferentes expressões e representações (incluindo os actores de Desenvolvimento Local e de Economia Solidária, os sindicatos, as organizações de solidariedade social, os movimentos de cidadãos, etc.).

A MANIFestaA de Peniche, na sua procura e discussão de respostas para a crise, tem de envolver e mobilizar todos estes actores e delimitar formas de parceria e concertação, ou seja de **regulação partilhada para o século XXI**, configurando uma lógica de **Sociedade-Providência**, no sentido em que, todos estes actores (que compõem a sociedade) são co-responsáveis pelo seu futuro e pela Vida, no Planeta, sendo esta a efectiva (Co-Responsabilidade Social na resolução dos problemas actuais.

Rogério Roque Amaro